

Ex. mo
Sr. P.

Ha tres dias que estou a contar com as Violaceas, tentando apenas algumas dificuldades de nomenclatura. O sr. Pereira Contiueles na sua revisao das Violaceas portuguezas cita a Viola curiosa Linn, com algumas formas, entre as quaes a V. montana, Linn.

Tenho as revisoes devidas sobre este ponto, porque me custa a crer na existencia da variedade a V. montana (V. elatior, Fris.) entre nós.

A V. montana tem sido interpretada de modos muito diversos pelos autores e e frequente encontrar-se nos herbarios plantas diferentes com esta etiqueta. Que planta e, pois, a V. montana do sr. P. Contiueles? Não sei. O sr. P., apenas, e que actualmente para o operante que por este linneo Linn desigra a V. elatior Fris ou um conjunto de formas de especies diferentes mas no qual se incluam todas as formas de V. elatior. Ora a V. elatior, que e planta muito distincta, não creio que exista em Portugal.

Por outro lado: - a que plantas applica o sr. P. Contiueles o nome de V. curiosa? Este nome e interpretado igualmente de modos diversissimos e parece que por elle desigra Linn um conjunto de plantas de especies autonomas ou, pelo menos, plantas da V. silvatica, Fris e plantas de uma forma intermedia a esta e a V. Ruppi, All. - forma a que hoje os botanicos applicam especialmente o nome de V. curiosa. Seria d'isto que se occupa o sr. P. Contiueles? Tenho em duvida, tambem, a existencia entre nós.

A V. lusitana Mot. apresenta ai vezes formas com as folhas bastante bicordadas, como tenho visto. Pertencera a esta forma a V. curiosa do sr. P. Contiueles?

Se V. lu. quizesse enviar-me os exemplares portuguezes classificados pelo sr. P. Contiueles como V. curiosa, julgo que poderia apenas se com representar o que

ajam esas plantas, pois etas provenientes com lisos magnificos, antigos e modernos, para o respectivo estudo, e com numerosos e bons exemplares de Viola europeas, bem determinadas. Falta-nos apenas a V. stricta, que ha de ser a V. lu. para um novo, caso tenha exemplares europeus.

N'ata occaso de Viola (V. canina, num amplo) parece-me que o critério de Fries no „Nov. Fl. Suec.“ e o mais seguro — posto de lado algumas incorrecções de synonymia. Elle admitta tres especies autonomas: que são, corrigida a nomenclatura em harmonia com os critérios de Fries e feita a correccão da synonymia, a V. elatior, a V. persicifolia Roth. e a V. Ruppri, All. Ora estes tres tipos parecem-se realmente especies muito distinctas, embora Nony as conglabe n'uma especie unica, com diversas subspecies.

A V. elatior e V. persicifolia não se coadunam de Portugal. Pertencem — ou as formas de V. canina do m. p. Cantalhos? 'E' necessario ver. Quanto á V. Ruppri All. e indiscutivel que elle pertence a V. lusitanica Brot. Pelo menos em não haas encostas differencas permanentes, se não se na nossa planta uma forma um pouco mais alongada dos petalos, mas por vezes quasi equal.

Notemos, por indicacão de Hoffmannsberg, cita no Jurey a V. Ruppri, um novo nome e, depois, a sua V. lusitanica, descrita pelo piemontez nely em 1800, no par. 1.º de Phytographia. Se elle tivesse visto a planta de Jurey teria reconhecido n'ella a sua V. lusitanica. Cu. creio que Hoffmannsberg fez uma exata classificacão especifica da planta, por que a V. lusitanica quando muito constitua uma pequena variedade de de V. Ruppri, All.

Basta olhar para a estampa de Allioni, na „Flora Paduana“ para se reconhecer n'ella a nossa planta. as pequenas differencas no diagrama de Allioni e

de *Labellata* não são constantes na planta de Portugal, como verificamos. A nossa forma é muito poligâmica e apresenta modalidades muito semelhantes nos órgãos reprodutivos à *V. parvula* Ehrh. Essas modalidades constituem a var. parvula Boiss. e Fourn.

A *V. tri-color* L. é, de novo, uma raça muito interessante e muito distinta das áreas meridionais do círculo de Villa de Conde - ou de abundância. Essa planta foi colhida pela primeira vez nas áreas de Lábrea, há mais de vinte annos, pelo Manoel d'Albuquerque, um copista e herbário a quem eu ultimamente vim nomear. Eu tenho-a colhida em outros pontos da costa. Denomino-a 4^a. Albuquerqueana. Tem o aspecto da *V. parvula*, Trin. da Italia e France, mas é muito diferente nos caracteres. A variedade que Willk. se dá com a *V. L.* (=*V. Hurriana* Willk.) é simplesmente a *V. nemorosensis* Jord. uma falta de uma pellica. A variedade que o sr. P. Conti me denomina a. arvensis (Mott.) é a *V. reptans* Jord. Quanto à *V. Machadeana* Rost. creio que se pode manter como variedade, embora seja distinta de uma forma de Jordão. Claro está que o nome arvensis não se pode manter, porque foi anteriormente a *Protus* creado por Almoncy.

Aqui no Porto, na margem do Douro, há uma cinza de estais, há a *V. isotrophylla* Jord. que não passa de uma raça de *V. alba*, com fls. azues. Já em tempo a citar como nova para o país.

Uma única dúvida existe em todo o conjunto das nossas formas: É saber com exactidão a que pertencem as formas da *V. canina* do sr. P. Conti. *V. L.* 4^a pode estar representada os exemplares que me envio não tem o menor perigo e serão devolvidos com segurança. Pelo filho do sr. Dr. Sr. deves receber a *V. L.* 5^a, quando elle voltar de férias, a "Ottin", de Welle, bem como as plantas que cá tenho. Bem! tenho uma carta do Hervey - que está na forma victoriana, da Hps.

partes - proprias - em trechos de plantas e pedras - em com muito empurros alguns - espécies,
entre as quais a Scilla maritima Link. em não tenho. V. Eu: não posso duplicar
d'esta planta?

Estou a chegar à família de Tamaricis, onde há uma diversidade. Em Portugal
há só uma espécie de Tamarix espontânea. É a T. hispanica Boiss. de um s. m. l. h. h. h. h. h.
também certas formas pelo T. gallica e T. anglica, em só se apresentam recentemente em cultura
em nos jardins, com outras espécies. Ora a dúvida é esta, e a seguinte: a T. hispanica é
realmente diversa da T. africana?

O que é incontestável é que a T. hispanica é precisamente a planta franceza - em
os francezes classificam como T. africana. Mas o sr. P. publicou um artigo
nos "An. de Sc. Exp." em que diz que a planta franceza não é a verdadeira T. afri-
cana, Boiss. e assegura que a T. africana não tem os frutos pyramidais mas sim o-
vas. Se assim é, fica seguro que a T. hispanica, de frutos em pyramide, e a T.
africana, de frutos ovas, são coisas totalmente diferentes; mas a minha cuncta - me
a comer uma espécie de Tamarix com frutos ovais. Parece-me grat, h. h. h. h. h.
há seria o caracter no genero em cuncta, quebrando - me cuncta a unidade. Mas, por
mais que tenho feito, não tenho obtido de estrangeiros plantas da Africa. Teria V. Eu: ahi
uma T. africana, da Africa, com frutos? Se tiver, era de grande utilidade em fazer
se a verificação da forma d'esses frutos. Também era bom ver se pôde advenir a
uma forma os frutos ovas, mas isso talvez em si o possa fazer, pois já se em trechos os h. h.
paciens.

De V. Eu. com M^{te} Amig^o e comi^o

Porto, 26-12-1910

Francisco Sampaio